

## Um “amigador”

Quando aceitei aquela proposta pareceu-me algo interessante, mas difícil: treinar uma equipa de miúdos dos oito aos dez anos podia correr mal pois quando comecei a conhecê-los melhor vi que existiam alguns problemas que podiam, até, levar a uma vida de crime. Como poderia eu dar o meu contributo?

Alguns destes rapazes não tinham apoio familiar, como eu também não tivera, por isso esforçava-me muito para os treinar e tentar, de certa maneira, educá-los, incentivando-os a ir à escola, a cumprir regras..., mas parecia que nada funcionava. Sabia que não me podia dar ao luxo de os castigar, caso contrário ficava sem equipa para treinar. Também eu tinha desistido do futebol ainda miúdo e tinha, por isso, ficado sem um “porto seguro”.

Um dia, estava tão preocupado com o Evandro, que comecei a segui-lo quando entrou num carro. Depois encontrou-se com um grupo de rapazes mais velhos que lhe deram algo, quando o vi dirigir-se para uma esquina deixei a minha inocência de parte e raciocinei. Ele era apenas uma criança de dez anos, mas, infelizmente, sabia-o bem, há crianças destas a venderem droga nas ruas. As minhas memórias voltaram como uma onda negra.

Esperei pelo final do treino seguinte para falar com ele, chamei-o à atenção e tive de o castigar e sinalizar a situação. Depois, deixei de o ver. Senti-me culpado e prometi a mim mesmo começar a envolver-me mais na vida dos meus jogadores e a não deixar que se perdessem, jogassem eles bem ou mal, porque não são só as habilidades que contam, as atitudes também são importantes.

O Evandro foi, por isso, o meu maior “desafio”. Convidei-o para ir almoçar comigo, percebi que a família do rapaz era muito complicada, a mãe, sozinha, quase não conseguia sustentar os cinco filhos e o Evandro tentava ajudar como podia, mesmo que para isso tivesse de “pisar o risco”. Desta vez, decidi que iria “dar tudo”, falei pessoalmente com a mãe do Evandro que deu autorização para o filho ir passar as férias de carnaval lá em casa. A minha companheira Leonor, que é professora, conheceu-o e percebeu que ele gostava muito de escrever. No segundo dia, a Leonor tinha até convencido o rapaz a participar num concurso literário “A Ética na Vida e no Desporto”. Passaram o terceiro dia a imaginar um texto para o tal concurso, o Evandro contou-lhe a sua vida e Leonor, por seu lado, falou-lhe, carinhosamente, da importância da amizade e do respeito. Ao jantar, o Evandro mostrou-nos o texto que tinha escrito para o concurso.

Foram três dias intensos, muitas conversas e confidências entre os três. Ficámos muito ligados e combinámos que o Evandro veria cada início de dia como uma partida de futebol, onde não se quebram regras nem se traem os companheiros e que poderia contar sempre connosco. Hoje ainda somos amigos, o Evandro escreve artigos desportivos para o jornal “A Bola” e eu continuo a treinar os meus rapazes e a fazer questão de ser um “amigador” pois, assim, se treina a cidadania através do desporto.